



Meu caro Câmara Reys:

Só o silêncio é grande — mas à sua ironia, nem as coisas grandes resistem: Recebi o Zola e agora o Eça, que muito lhe agradeço. Também recebi a unhada da S.N., em cuja subtileza e o bom francês reconheço a sua fina unha e a sua maneira pastoril. Mas ainda haverá lugar onde os *bergers* se acolham da chuva?... E estaria o meu querido Amigo realmente disposto a fulminar-me, juntamente com os hereges do Diabo? Estou seguro de que nunca poderia (eu) franzir a testa a uma graça sua, para mais tão inocente: O que não lhe perdoou é ter revelado o segredo Mendes dos Remédios; poderia ter acrescentado o Aubrey Bell, que eu diria: “e viva o velho:” (Quanto ao meu habitual bom-humor, creio que resiste a tudo, mesmo à presença do Neto Soares.) Oxalá os meus pobres artigos (?) não tenham causado estorvo às desde sempre cordiais relações da S.N. com o Império Britânico (que Deus guarde).

Se continuo inalteravelmente seu amigo, e guardo pela Seara uma velha ternura — tenho de reconhecer que discordo radicalmente da sua orientação política. Tudo isso encheria páginas! Não vale a pena. Escrevi-lhe, a si, muitas cartas durante este último ano: mas rasguei-as. A leitura da Seara sempre me fazia reagir. Tempo perdido, porque a questão é antiga e profunda. Estou bastante longe de tudo isso (de Lisboa, das suas polémicas e

das suas calçadinhas) e o ponto de observação em que me encontro, excelente apesar do que os lusíadas imaginam, oferece perspectivas muito mais vastas e ricas do que as esquinas do Chiado. Não pense que desdenho da nossa terra e gente: ao contrário, por estranho que lhe pareça, cada vez me sinto mais homem do meu meio, da minha pele.

Portugal apaixonou-me — e inquieta-me. Isso — conjugado com as labutas daqui — justifica o meu silêncio: que não é nem interior nem desdenhoso, mas feito de problemas, de tumulto, e de sofrimento também. O silêncio resulta muitas vezes do esforço que fazemos para não gritar. E eu procuro sempre abster-me de cair na gritaria, tão inútil e tão pequenina, em que por aí se vive agora.

A respeito d'‘O Diabo’, que só recebo desde que lhe mandei as notas, é possível que haja erros, sectarismo, precipitação (boa vontade há-a, decerto, mas essa a S.N. recusou-se a tomá-la em consideração, má pedagogia): mas meu amigo, quem lhes manda tomar a nuvem por Juno? ‘O Diabo’ não faz a opinião no mundo (nem gera os factos). Porque não lêem os livros do Pritt? Porque cita a Seara as palavras do deão de Cantuária só quando elas convêm à Seara? E o mesmo com o Haldane (que colabora continuamente no ‘Daily Worker’ de Londres), e o B. Shaw, e outros? Porque teimam em mentir a si mesmos, em iludir-se, em crer na “revolução” que está tendo lugar na Inglaterra, quando o H.G. Wells (imagine!) escreve o artigo que lhe mando incluso? Para discutir certos problemas, e orientar a chamada opinião, é preciso

estar informado: e a Seara está muito mal informada, querido amigo! (pelo menos tão mal como ‘O Diabo’). Gritar “rial, rial” pela “revolução” inglesa é exactamente o mesmo que divinizar a “revolução” nazi — dois erros palmares. Podia dizer-lhe muito sobre os amigos da “democracia” inglesa nos Estados Unidos — “diz-me com quem andas”... Que feliz seria eu se visse a Seara erguer-se nobremente, valentemente, acima da *mêlée*! A demagogia nazi pode apaixonar Neto Soares e quejandos: é preciso não confundir. Mas a S.N., querido amigo, devia saber quanto vale a propaganda da *city*. A Espanha, a Abissínia, a Checoslováquia e o resto — para não falar da Índia e da Irlanda — deviam servir de lição aos cordeiros que se metem na gorra com o lobo. Mas isto não significa que homens honestos desejem a vitória do *fuehrer*, que (a verificar-se) seria episódica. As vitórias são outras, e essas é que importam. Naturalmente a Inglaterra muda, como tudo, continuamente. Mas está longe de ter mudado o bastante (v. Wells), e ainda por lá andam muitos Weygands, Pétains e Laval... o *appeasement* não está morto! Quando às “conquistas da democracia” a que esta guerra “antifascista” está dando lugar, os EUA oferecem um exemplo edificante!

Agradecia-lhe muito que mandasse o artigo do Wells ao ‘Diabo’, depois de o ler: haja fraternidade! Mais uma vez muito obrigado pelos folhetos. Creia-me sempre seu amigo e adºr.

Miguéis